

# O Castro da Curalha

## 9.<sup>a</sup> Campanha de escavações—1983

POR

**Dr. Adérito Medeiros Freitas \***

Prof. efectivo da E. S. Martins Sarmiento — Guimarães  
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

e

**J. R. dos Santos Júnior \*\***

Prof. catedrático jub. da F. C. da Univ. do Porto  
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica  
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

TAREFA EM SETEMBRO DE 1983 POR A. M. F.

A 9.<sup>a</sup> Campanha de trabalhos de restauro, conservação e limpeza no Castro da Curalha, decorreu nos dias úteis de Segunda a Sexta-Feira entre 7 e 30 de Setembro de 1983. Nela participaram os seguintes trabalhadores, quase todos com vários anos de prática nesta actividade e neste castro: Luís Albino dos Santos Lemos, Joaquim Augusto dos Santos, António Jorge Medeiros Ribeiro, Manuel Pegarinhos Borges, Columbano Gonçalves Pereira, Miguel José Alves e Esmeraldo Pereira Neves.

Como em todas as Campanhas anteriores, os trabalhos foram orientados, superiormente, pelo Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior coadjuvado por Adérito Medeiros Freitas, licenciado em Ciências Geológicas e professor efectivo do Ensino Secundário.

O programa dos trabalhos a executar nesta campanha, previamente elaborado em reunião com o Prof. Doutor Santos Júnior, foi o seguinte:

---

\* Rua Saraiva Brandão, 260 8.º - Dto. — 4800 Guimarães.

\*\* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

*Corte do mato numa área cada ano mais alargada em volta da muralha central.*

Dada a espessura das camadas arbórea (carvalhos e pinheiros) e arbustiva (urzes, giestas, silvas, etc.) este corte, que se vai alargando em cada ano, permite-nos conhecer melhor a verdadeira extensão das fortificações fornecendo-nos, por outro lado, dados que nos permitem fazer uma mais correcta planificação para o ano seguinte.

Até este momento temo-nos preocupado, essencialmente, em pôr a descoberto todo o alinhamento da *segunda muralha* (consideramos como a primeira muralha, a mais central, a única que nos era conhecida quando iniciámos os trabalhos em 1974), o que ainda não conseguimos fazer em toda a sua extensão. No entanto e devido à necessidade de remover grandes quantidades de pedras que nos impediam a reconstrução, a NW, de um troço desta muralha, o corte do mato estendeu-se, aí, para lá da terceira muralha e numa extensão de cerca de 15 m.

Julgamos que, no próximo ano, o corte do mato possa estender-se a toda a área necessária para pôr a descoberto, integralmente, esta segunda muralha, a qual, segundo os nossos cálculos deve medir, na sua face externa, entre 250 e 300 m.

*Limpeza das áreas em que incidiram os trabalhos dos anos anteriores:*

É uma necessidade constante. Se deixarmos de fazer esta limpeza numa campanha de actividade, no ano seguinte todos os trabalhos realizados, com excepção das muralhas, estão cobertos de uma espessa camada de ervas e arbustos, juntamente com árvores novas (principalmente carvalhos).

Até ao ano de 1983 e devido à existência de uma extensa área em volta do Castro coberta por pinheiros e outras plantas, esta limpeza foi feita, exclusivamente, com a utilização de objectos de corte; o trabalho fica perfeito, mas é relativamente demorado. Com o corte do mato numa área mais alargada

foi-nos possível, já este ano, utilizar o fogo dentro da muralha central limitando-nos, em seguida, a cortar os caules dos arbustos que não tinham ardido totalmente. Houve, assim, uma certa economia do tempo, que foi aproveitada nos trabalhos morosos de reposição das pedras nas muralhas e muros das casas postas a descoberto. Assim, a probabilidade do fogo se propagar, incontrolado, às matas circunvizinhas ficou bastante reduzida tendo sido tomadas, de qualquer modo, as devidas precauções.

Creio que, no ano de 1984, já poderemos utilizar, o mesmo método, fora da muralha central.

*Remoção das pedras amontoadas e reconstrução da segunda muralha:*

Com a reposição, na *segunda muralha*, de milhares de pedras de granito (algumas de grandes dimensões, pesando centenas e até milhares de quilos), o Castro da Curalha encontra-se, hoje, muito valorizado, sendo frequentemente visitado por alunos do Ensino Secundário acompanhados pelos seus professores, por pessoas de várias nacionalidades como o temos comprovado, em cada ano, durante as curtas campanhas de trabalhos e, até, por alunos universitários que o utilizam para a realização de trabalhos a apresentar na sua Faculdade.

Esta segunda muralha, cuja existência, em 1974, não era conhecida, está hoje parcialmente reconstruída numa extensão de cerca de 130 m, atingindo na sua face externa e nalguns pontos, mais de três metros de altura.

Em 1982 reconstruímos cerca de 50 m desta segunda muralha, a N. Em 1983, reconstruímos mais de 80 m a W (Fig. 1).

Esta segunda muralha é menos larga do que a muralha central. Enquanto que esta tem uma largura variável, compreendida entre os três e os cinco metros, a segunda muralha possui, nos troços parcialmente reconstruídos, uma largura bastante regular de cerca de 2 m, excepto nos troços em que existem estruturas relacionadas com a sua própria defesa, como acontece a NW. A sua distância à muralha central é variável. A N, a distância máxima assinalada é de 12,17 m (distância

entre as suas faces externas). A distância mínima (6,95 m) foi assinalada a WNW. A W e a S a distância entre as faces externas das duas muralhas situa-se entre os 7,20 e 8,80 m. Nas proximidade da porta de E, embora a muralha não esteja, aí, totalmente posta a descoberto, tudo indica que a sua dis-

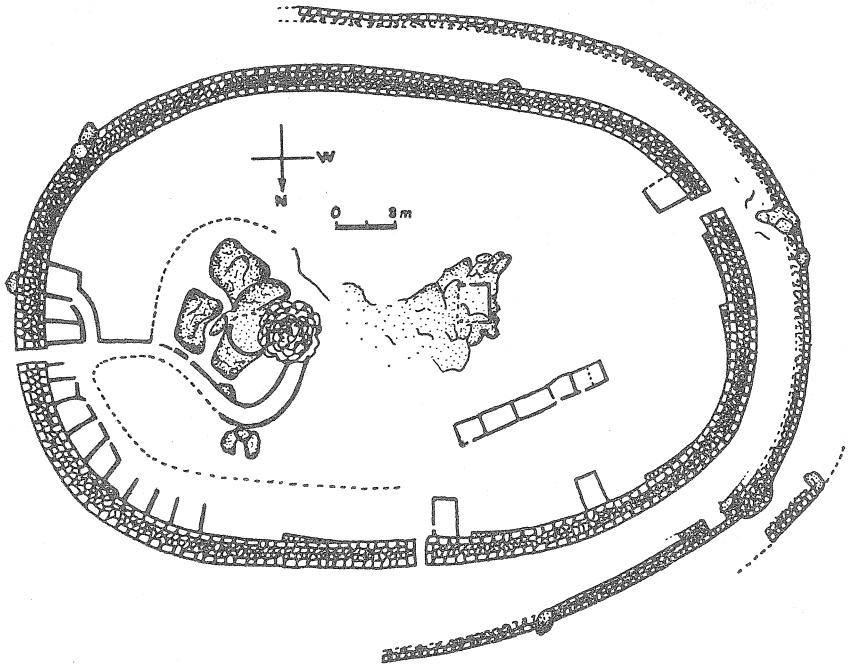


Fig. 1 — Planta do Castro da Curalha, no final da campanha de 1983, mostrando as posições relativas da muralha central, da porção posta a descoberto e parcialmente reconstruída da segunda muralha e de um pequeno troço da terceira muralha.

tância à muralha central seja relativamente pequena, talvez inferior a 4 m.

Uma reentrância de forma rectangular na face interna desta muralha que apareceu no último dia de trabalhos de 1982, bem como as saliências (interna e externa) situadas de um e outro lado, foram este ano totalmente postas a descoberto e reconstruídas (Fig. 2). A muralha que, como dissemos,

possui uma largura média de cerca de 2 m apresenta, neste troço, algumas variações: alarga-se para *três metros* formando, internamente, uma saliência em forma de torreão, aproximadamente quadrangular, possuindo uma área de, aproximadamente, 9 m<sup>2</sup> e cujo acesso se faz por meio de uma rampa com 95 cm de largura (a mais larga rampa de acesso até hoje encontrada no Castro, o que parece indicar a sua importância);

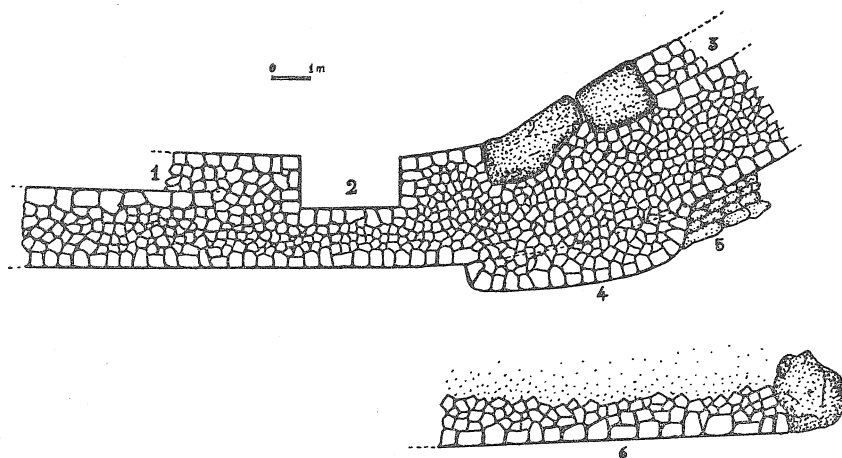


Fig. 2 — Troço da segunda muralha, a NW mostrando duas rampas de acesso (1 e 3), a reentrância na sua face interna (2) com uma superfície de 3,40 m<sup>2</sup>, a saliência na sua face externa (4) e a estrutura de apoio da muralha (5). O número (6) indica o troço parcialmente reconstruído da terceira muralha.

em seguida, e numa extensão de 2,60 m, a largura da muralha reduz-se a, apenas, 1,55 m, dando origem a uma reentrância, espécie de casa, com uma área de 3,5 m<sup>2</sup>; a muralha forma, a seguir, uma saliência na sua face externa que começa por fazer um ângulo recto alargando-se 65 cm e retomando, cerca de 9 m depois, o alinhamento do resto da muralha fazendo uma curva com a forma de um S muito aberto; a largura máxima, desta saliência, é de 3,70 m constituindo, pois, a largura máxima assinada até este momento nesta segunda muralha.

A seguir à saliência descrita assinalámos: internamente, uma nova rampa de acesso com cerca de 60 cm de largura;

do lado externo, uma estrutura tosca em forma de degraus, sendo as pedras da base de maiores dimensões, todas de granito. Através de pequenos buracos existentes na base da muralha pudemos observar que a mesma assenta sobre uma rampa natural de granito, onde um apoio firme é impossível de conseguir. Como já referimos no relatório de 1982, esta



Fig. 3 — Aspecto da face externa da 2.<sup>a</sup> muralha voltada para NNW, com cerca de 3 m de altura.

estrutura é, segundo a nossa opinião, uma estrutura de suporte estando, as saliências (interna e externa) da muralha, a reen-trância na mesma e as rampas de acesso, relacionadas com a defesa deste troço da muralha, onde não seria difícil abrir uma brecha, provocando o seu desmoronamento, uma vez retiradas algumas pedras da base da estrutura de suporte.

A partir daqui e numa extensão aproximada de 72 m, não nos foi possível pôr a descoberto a face interna desta muralha, pelo facto de todo o espaço entre esta e a muralha central, se encontrar completamente cheio de não poucas toneladas de pedras de granito, caídas das mesmas e até uma altura que deve atingir, nalguns pontos, mais de 2 m.



Fig. 4 — 2.<sup>a</sup> muralha, a NW, mostrando a reentrância na sua face interna, espécie de esconderijo.

#### *Terceira muralha:*

O amontoado de pedras caídas das duas muralhas mais internas e principalmente da muralha central, atingia, nalguns pontos, mais de 3 m de altura e mais de 10 m de largura,

encobririndo totalmente a segunda muralha. Nos troços em que esta estava destruída quase até à base, foi necessário, por motivo de segurança e falta de espaço, remover milhares de

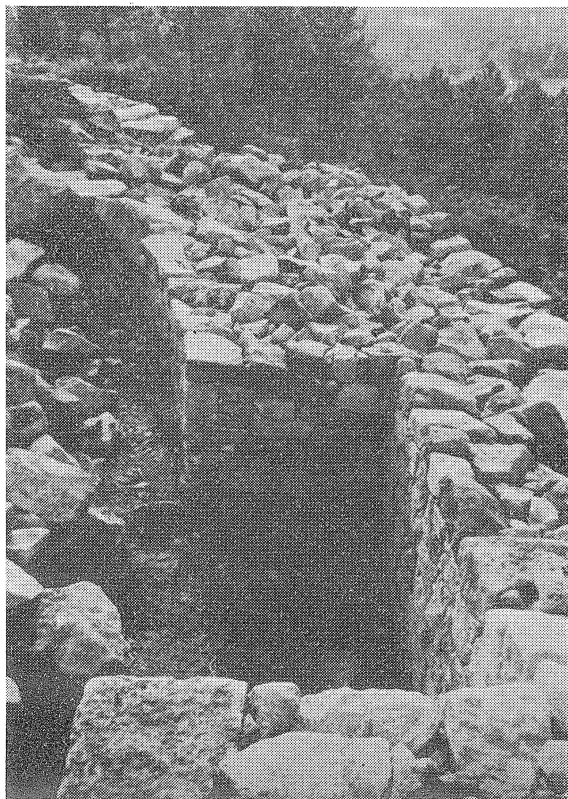


Fig. 5 — Aspecto de 2.<sup>a</sup> muralha, a NW, mostrando a reentrância na sua face interna. A muralha que a seguir à reentrância, tem uma largura máxima de 3,70 metros, curva para a nossa esquerda retomando a largura de 2 metros.

pedras algumas das quais, de tais dimensões, que se nos tornava impossível recolocá-las na segunda muralha, por falta de mecanismos de elevação adequados.



Por tal motivo decidimos colocá-las nesta terceira estrutura defensiva (a 3.<sup>a</sup> muralha). Para o efeito foi necessário cortar o mato numa área mais larga e limpar toda a terra até ser

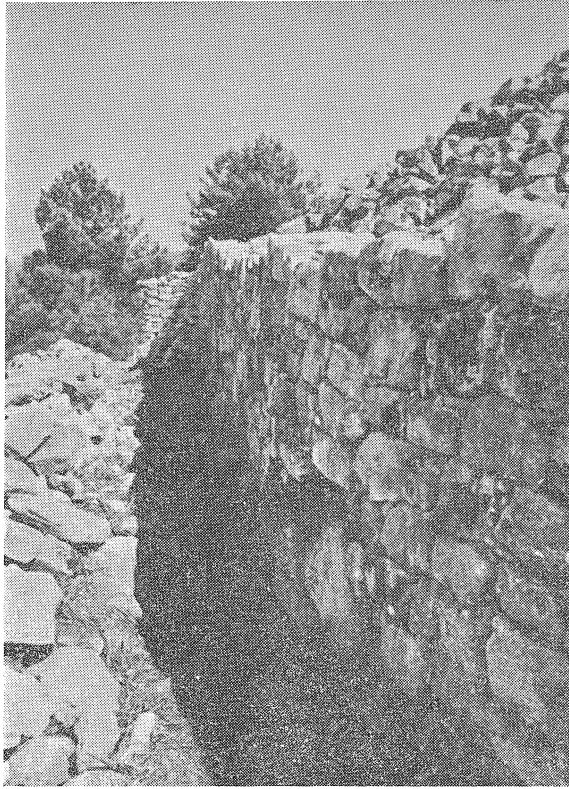


Fig. 6 — Face externa da 2.<sup>a</sup> muralha, a W. Em último plano a saliência de contorno arredondado que se segue à reentrância assinalada nas figuras anteriores.

posta a descoberto a sua base. Dada a inclinação do terreno só procurámos o seu limite externo, tendo sido feita a sua reconstrução numa extensão apenas de 9 m e até uma altura média de 1 m (ver Figs. 1 e 2).

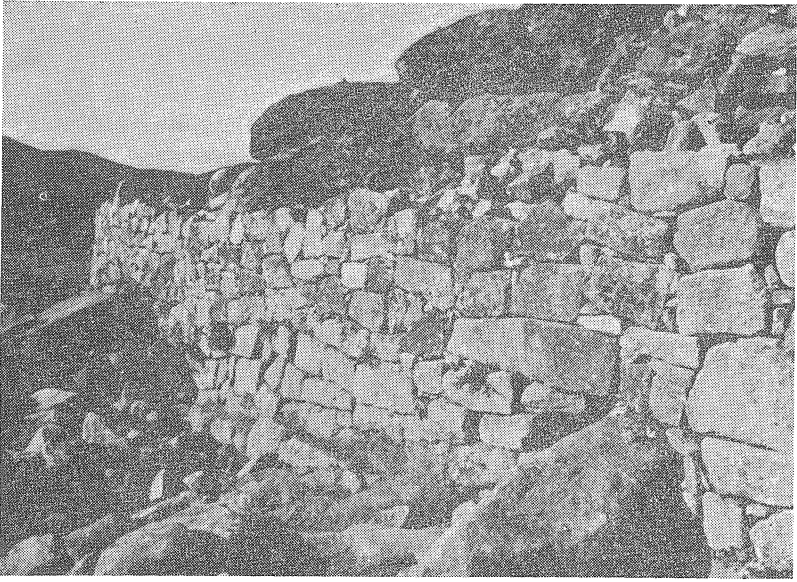


Fig. 7— Aspecto da face externa da 2.ª muralha a SW, em frente à porta existente na muralha central.



Fig. 8— Outro aspecto dos trabalhos de reconstrução da 2.ª muralha a Sul.

A distância mínima registada entre as faces externas das 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> muralhas (em frente à saliência referida) é de cerca de 4 m, tudo parecendo indicar que, quer num quer noutro sentido, esta largura aumente. Não possuímos, até este momento, qualquer informação de que esta 3.<sup>a</sup> muralha envolva totalmente as duas mais internas. Admitimos, também, que nalguns troços ela tenha sido totalmente destruída.

*Material recolhido:*

*Numerosos fragmentos de cerâmica* (bordos, fundos, e porções laterais) pertencentes a vasos com cor, espessura e dimensões muito variadas. A maior parte destes fragmentos foram

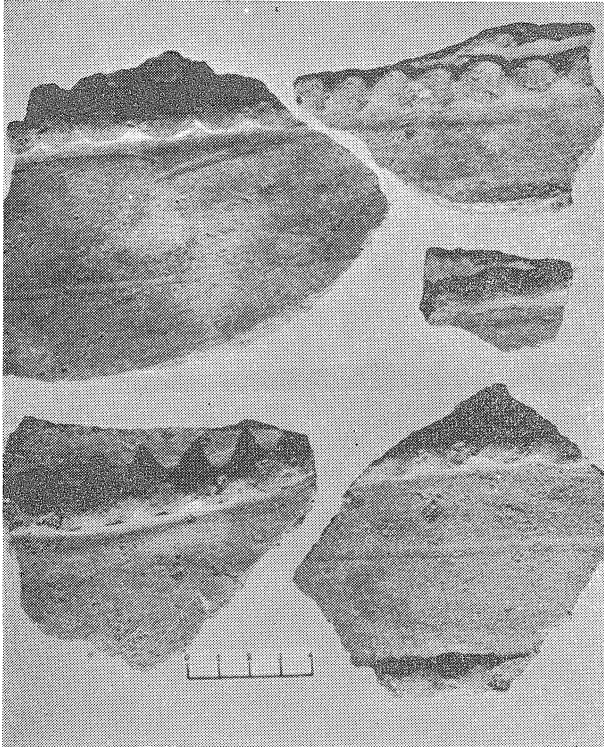


Fig. 9 — Fragmentos de cerâmica de cor cinzento-esbranquiçado, com ornamentação «encordoadá».

encontrados juntos, no meio das pedras caídas da muralha central, a cerca de 3 m da porta de SW e a um metro de distância da sua face externa. Julgámos, a princípio, tratar-se de um só vaso; quando, porém, tentámos fazer uma reconstituição, mesmo que parcial, verificámos que tais fragmentos per-

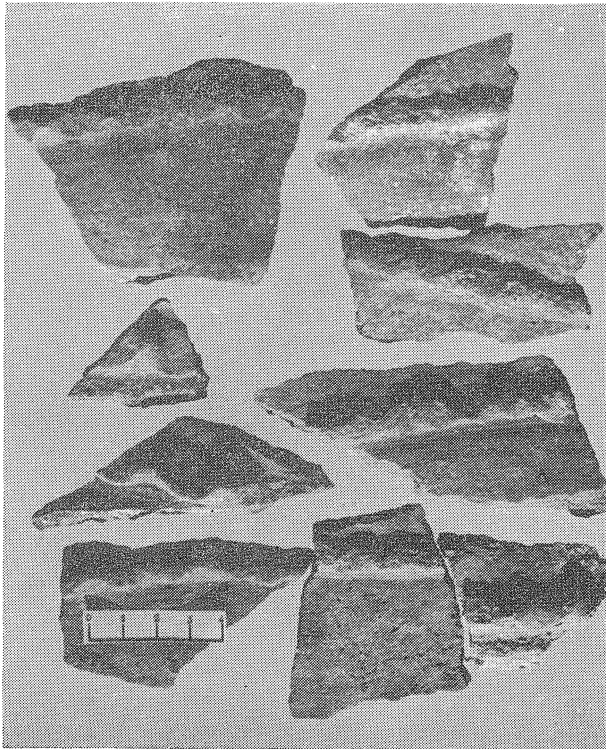


Fig. 10 — Fragmentos de cerâmica esbranquiçada encontrados nas proximidades da porta de SW da muralha central.

tenceram não a um, mas a alguns vasos. Em vários níveis abaixo dos respectivos bordos, muitos daqueles fragmentos apresentam uma ornamentação do tipo «encordado», cujas características são muito semelhantes em todos eles.

Três cossoiros inteiros com, respectivamente, 3,5 cm, 3,7 cm e 2,5 cm de diâmetro e 1 cm, 0,7 cm e 0,5 cm de espessura.

Dois fragmentos de um cossoiro, cuja espessura é quase igual ao diâmetro, mais fazendo lembrar uma conta de grandes dimensões.

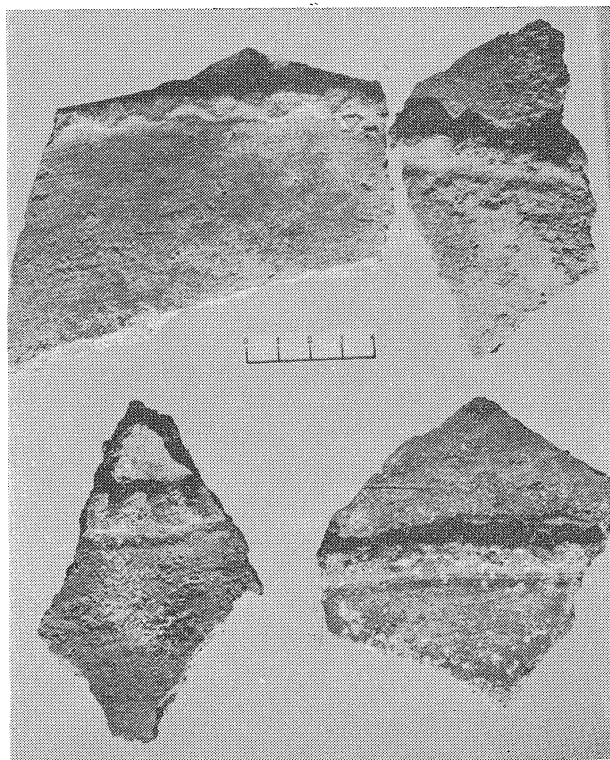


Fig. 11—Quatro fragmentos de cerâmica pertencentes, possivelmente, ao mesmo vaso.

Um fragmento do fundo de um vaso de vidro, com cerca de 4 cm de diâmetro e de cor esverdeada.

Três aparas de cobre semelhantes a muitas outras que ali têm sido encontradas e alguns pedacinhos de carvão.

Duas pedras de granito que, certamente, se encontravam a fazer parte da muralha central, uma de cada lado e a uma certa altura, da porta de SW. Cada uma delas possui duas cavidades circulares, correspondentes a outras idênticas que se encontram no pavimento e de um e outro lado da mesma porta, por nós descritas em trabalhos anteriores.

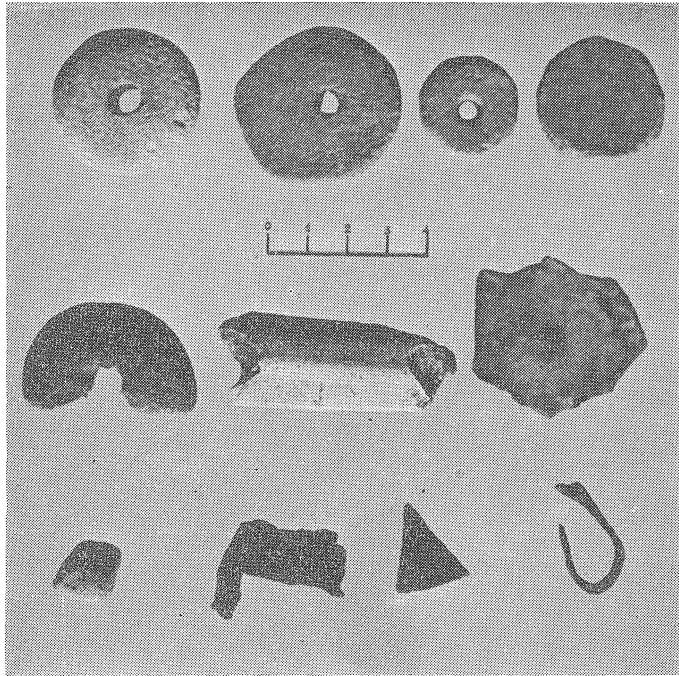


Fig. 12 — Três cossoiros inteiros de diâmetros variáveis (3,5 cm, 3,7 cm e 2,5 cm); parte de um cossoiro de grande espessura relativa (ao centro e à esquerda); um fragmento de um vaso de vidro de cor esverdeada (centro, à direita); três aparas de cobre e um anzol (?) (em baixo e à direita).

Julgamos que estas cavidades, juntamente com as que se encontram no pavimento não são mais que os apoios (superiores e inferiores) dos gonzos da(s) porta(s) da muralha.

A existência destas cavidades, aos pares, bem como a sua posição relativa, parece indicar a existência de duas portas, uma interna e outra externa.

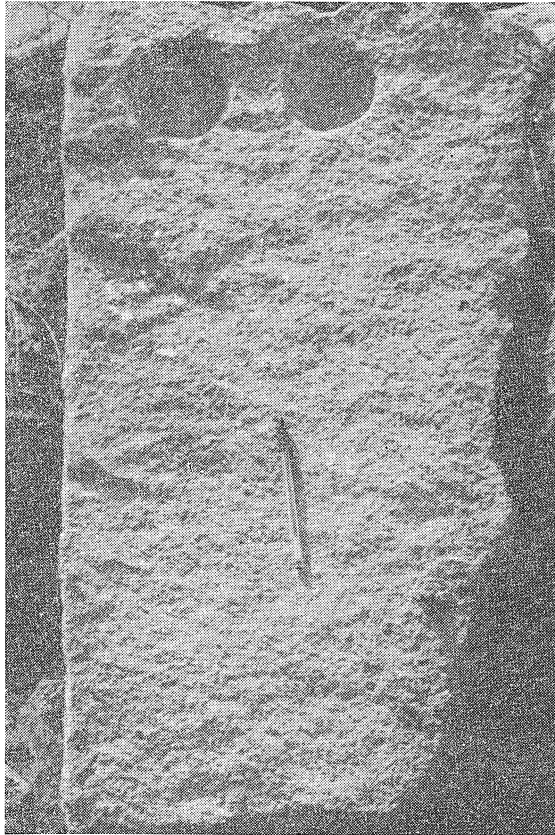


Fig. 13 — Pedra de granito equigranular, com 1,02 metros de comprimento e duas cavidades para apoio da parte superior dos «gonzos» da(s) porta(s) de SW (muralha central).

As duas pedras referidas possuem, respectivamente, as características que a seguir se indicam.

*Pedra I (de granito equigranular):*

1,02 m de comprimento máximo; 0,59 m de largura máxima; 0,30 m de largura mínima; 0,20 m de espessura máxima. As

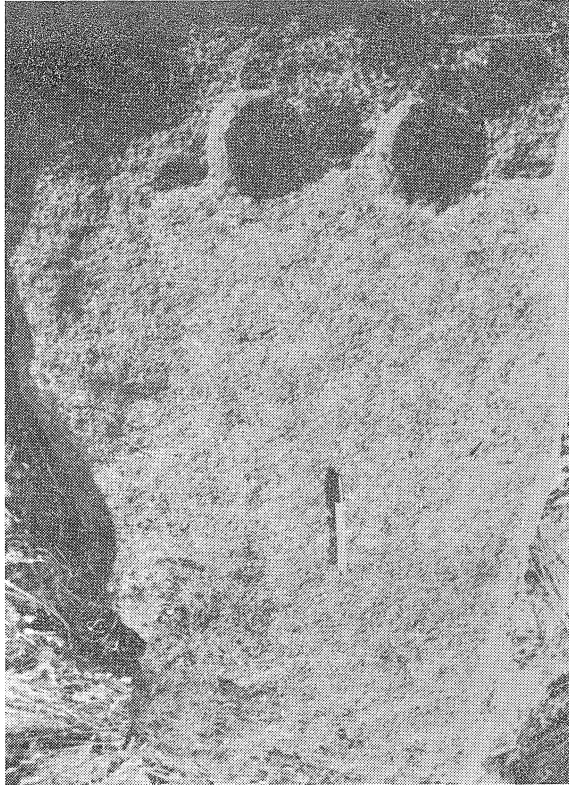


Fig. 14 — Pedra de granito equigranular, com 0,96 m de comprimento e duas cavidades para apoio da parte superior dos «gonzos» da(s) porta(s) de SW (muralha central).

duas cavidades, separadas de 5 cm, têm de profundidade 6 cm e diâmetros, respectivamente, 9,5 cm e 8 cm (Fig. 13).



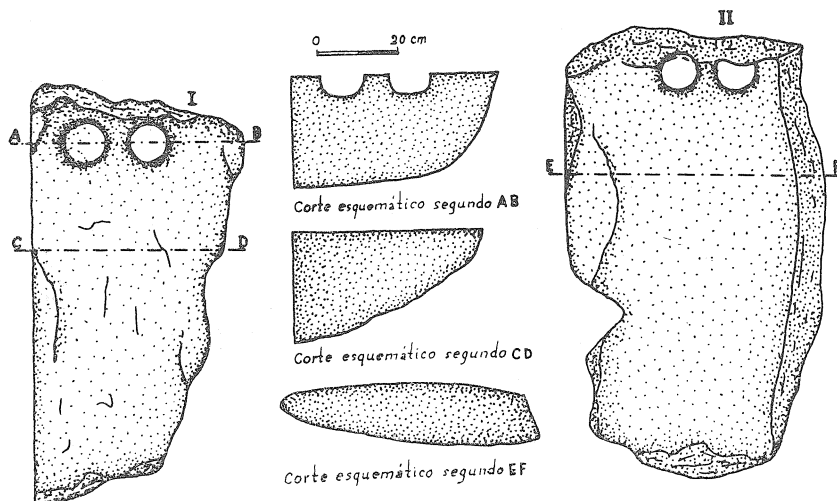


Fig. 15 — Representação esquemática das duas pedras de granito (I e II) encontradas nas proximidades da porta de SW cada uma das quais possui duas cavidades idênticas na sua extremidade mais larga.

*Pedra II (de granito equigranular):*

0,96 m de comprimento máximo; 0,50 m de largura máxima; 0,30 m de largura mínima; 0,27 m de espessura máxima. As duas cavidades têm uma profundidade de 5,5 cm e 5 cm, e um diâmetro de, respectivamente, 10,5 cm e 9,5 cm. Encontram-se distanciadas de 5 cm (Fig. 14).

TAREFA EM OUTUBRO DE 1983 POR J. R. S. J.

Na Campanha de 1983, os trabalhos no castro da Curalha também se fizeram em duas tarefas.

No mês de Setembro A. M. F. continuou com a descoberta e restauro da 2.<sup>a</sup> muralha, por ele já refeita num comprimento de 130 m e 1 a 3 m de altura.

Descobriu uma primeira porção da 3.<sup>a</sup> muralha que refez num troço de 10 m com uma altura de 1,5 m.

Na tarefa de Outubro S. J. continuou a trabalhar no recinto intramuralha.

No dia 7 de Outubro fiz viagem do Porto para Chaves.

No dia 8, sábado, iniciei os preparativos para a campanha reunindo vários materiais, nomeadamente uma ciranda de rede de tarara, um crivo, e uma padiola, utilizada no transporte dos milhares de pedras espalhadas por toda a área do castro, que tinham ficado na casa do falecido P.º Adolfo Magalhães, nosso companheiro nos trabalhos de escavações da Curalha, falecido o ano passado.

No dia 9, domingo, fui de tarde à Curalha para contratar pessoal para 12 a 15 dias de trabalho.

As vindimas em 1983 foram tardegas, pelo que toda a gente ainda andava no corte das uvas.

Em princípio assentou-se que dentro de 2 ou 3 dias já teria algumas mulheres.

Em 10 de Outubro da parte de manhã fui à Câmara Municipal de Chaves. Contactei com o vereador do pelouro da Cultura Sr. João Baptista Martins, solicitando o empréstimo de alguma ferramenta, sobretudo pás e picaretas, pedido que foi prontamente satisfeito, como aliás o tem sido nos anos anteriores.

De tarde novo encontro com o Sr. J. Baptista Martins, a quem manifestei o propósito de queimar o mato do recinto muralhado sob vigilância atenta dos Bombeiros Voluntários.

De entrada o Sr. Baptista Martins, lembrando os perigos que podem resultar de uma grande queimada, não se dispunha a apoiar o meu propósito e a recomendar-me aos bombeiros.

Com o circuito completo da 1.ª muralha, refeito em grande parte pelas nossas campanhas anteriores, e pelo facto de estarmos em pleno outono, em que os perigos das queimadas são mínimos, praticamente nulos, em comparação com as queimadas feitas no verão em Julho e Agosto, eu previa que se poderia confiadamente chegar o fogo ao mato, sob vigilância dos bombeiros.

Evoquei mesmo o facto de nos meus 18 aos 21 anos ter sido bombeiro voluntário, fundador e do corpo activo, dos Bombeiros Voluntários da Areosa, concelho de Gondomar.

Consegui convencer aquele distinto vereador do pelouro da cultura a ser mediano do pedido que eu queria fazer à corporação dos B. V. de Chaves.

Um seu telefonema preparou o meu encontro com o 1.º Comandante Sr. Armando Quina Falcão, na noite desse dia às 21 horas.

Tanto o 1.º como o 2.º Comandante Sr. Nuno Sarmento Castro Teixeira, com os quais me encontrei à noite no quartel dos bombeiros, foram gentilíssimos. Prontamente deram o seu acordo ao meu intento de queimar o mato do Castro da Curalha.

Era urgente fazer a queimada para aproveitar a quadra de sol da última semana, e, por isso, se combinou pegar o fogo ao mato do recinto muralhado do castro no dia seguinte.

No dia 11 de Outubro, pelas 10 horas, seguimos para a Curalha. No carro moto-bomba seguiram 6 homens.

Eu fui num carro da corporação.

Quatro bombeiros controlaram a queimada na faixa a sul do grande pinheiro manso. Os outros dois acompanharam a queimada na faixa do lado norte, entre o pinheiro manso e a muralha. Trabalhou-se até ao meio dia.

Da parte de tarde voltei ao castro e percorri o terreno agora livre da ervagem e do mato.

Na vasta sementeira de pedras, grandes e pequenas, que, por assim dizer, se estendia por toda a faixa a sul do pinheiro manso, vi algumas pedras alinhadas que davam mostra de casa, que noutra oportunidade se procurará isolar, e, com as pedras dela caídas, se fazer a possível reconstrução.

Em 12 de Outubro choveu.

Aproveitei a manhã para ir cumprimentar o Presidente da Câmara Municipal Sr. Eng.º Branco Teixeira, a quem entreguei o pedido de subsídio para trabalhos no Castro da Curalha em 1984 e sua publicação.

Ao mesmo tempo apresentei sugestões relativas à defesa e conservação do castro.

Sugeri a conveniência, relativamente urgente, de criar e demarcar a zona de protecção do castro numa área circundante de pelo menos 100 m a contar da 3.<sup>a</sup> muralha.

Julga-se que aquele cabeço é, na sua maior parte da Junta de Freguesia, o que facilita a demarcação da zona protectora.

Lembrei a necessidade de reparar o estradão de acesso ao campo de futebol, caminho de subida para o castro, e, se possível, levá-lo mais acima cerca de 100 m, ou pouco mais, até um terreiro que fica a uns 50 m da muralha, e onde poderão estacionar alguns automóveis de possíveis visitantes.

Realcei as vantagens, para a defesa e conservação do castro, de proibir o pastoreio e a caça, tanto no castro como na zona de protecção.

No dia 14 de Outubro, da parte da manhã choveu. Fui ao armazém da Câmara buscar picaretas, pás e enxadas cedidas por empréstimo.

Passei pelo liceu para tentar conseguir estudantes para trabalharem no castro.

Consegui três: José Francisco Figueira Verdelho, José João Miranda Ladeira e Victor Manuel Gomes Alves de Sousa, que só podiam trabalhar no sábado, dia 15, da parte da tarde.

No dia 15 de Outubro, sábado, fui com os três estudantes ao Castro. Pouco passava das 13 horas e meia quando abalamos de Chaves. Quando regressamos estava a anoitecer, eram 17 horas e meia.

Como sempre imaginei que em frente das fiadas de casas geminadas, as ruas fronteiras deviam ser calcetadas, começou-se a escavar a rua que segue na enfiada da porta do castro aberta a nascente e também a sua derivação para norte, a facear a fiada de casas encostadas à muralha. Confirmou-se a minha suposição.

Uma fiada de 4,40 m, de pedras apicotadas, alinhadas ao lado do eixo da rua de entrada, era parede de casa, que, embora pelo pouco que dela se via, levava a crer que se devia tratar de uma casa, subquadrada ou mesmo quadrada (Fig. 16).

Foi na base dessa parede que sob minha orientação os estudantes começaram a escavar.

Retirados cerca de 25 a 30 cm de terra e entulho, verificou-se que aquela fiada de pedras de 4,60 m de comprimento assentavam numa laje de granito. Prosseguiu-se no desaterro e descobriram-se mais lajes de granito que se estendiam a toda a largura da rua.

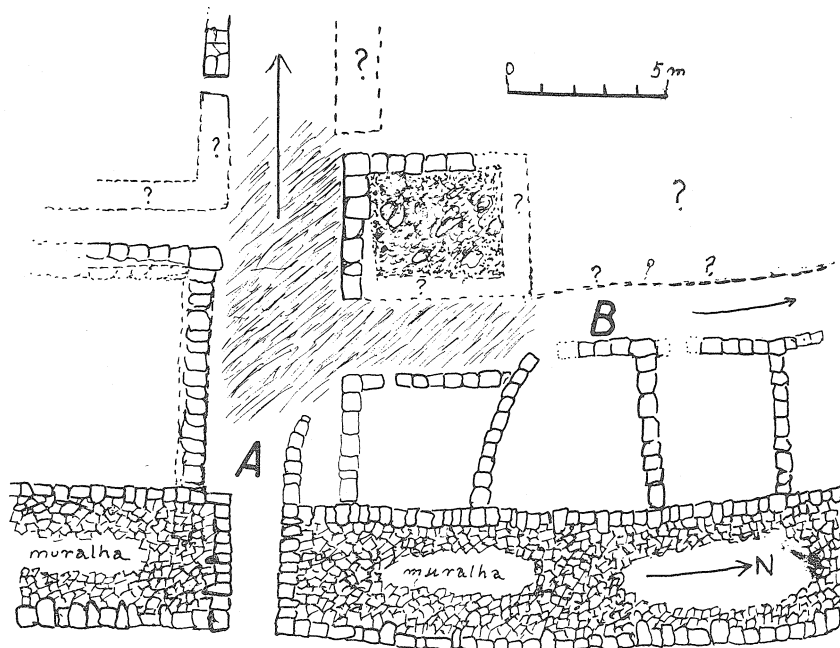


Fig. 16 — Desenho esquemático junto da porta aberta a nascente. O tracejado indica o que foi escavado.

Ainda se desentulhou o início da derivação da rua de entrada para o lado norte (Fig. 16).

A terra foi levada a baldes para a muralha.

Os muitos fragmentos de cerâmica, sobretudo pedaços de telhas, a típica telha de rebordo, e porções de tijoleiras maiores ou menores, mas na maior parte pequenas, e pedaços de telhas de capelão ou de cápia que iam aparecendo, foram amon-

toados na terra que enche a casa quadrada, que terá de ser escavada e a terra passada à ciranda.

No dia 17, segunda-feira, como as mulheres faladas na Curalha ainda tinham vindima nesse dia, fui de manhã à Câmara solicitar a cedência de pelo menos dois dos seus empregados para trabalhar no castro.

Foram-me cedidos dois que levei comigo às 14 horas.

Proseguiu-se no desaterro da rua de entrada e da sua derivação para norte.

O lajeado da rua de entrada é formada de lajes grandes mal ajustadas em pavimentação irregular. Parece que faltam algumas pedras, certamente rapinadas.

O lajeado estava coberto de camada de terra que nalguns sítios tinha 19 a 20 cm de altura e noutros 25 a 27 cm.

A camada de terra ao longo da fiada das casas entestadas à muralha tinha apenas uns 15 a 17 cm de altura. Nas duas camadas continuou a aparecer cerâmica grosseira muito fragmentada, tégula e tijoleira, uma destas com 5 cm de espessura.

Com a relativa abundância de cerâmica grosseira encontrada ao escavar a rua principal apareceram apenas dois pequenos fragmentos de pequenos vasos. Um deles é um bordo de púcaro com 3,5 cm de comprimento e outro tanto de altura. É negro nas duas faces mas a pasta, como se via numa fractura recente, é clara, acinzentada, com 5 mm de espessura e muito pouco, quase nada, micácea.

O outro é um pequeno pedaço com 4,8 cm de comprimento, 3,5 cm de altura e 6 mm de espessura, escuro quase preto nas duas faces e de pasta acinzentada. É pedaço da pança de vaso não pequeno.

Nos dias 18, 19, 20 e 21 tivemos 6 raparigas de 18 a 20 anos, mas só duas é que trabalharam os 4 dias, uma trabalhou 3 dias e três só trabalharam 1 dia.

Cada vez é mais difícil conseguir pessoal jornaleiro e só mulheres ou raparigas.

É bem possível que esta dificuldade não só persista, como bem pode agravar-se; então teremos de recorrer à cedência de algum pessoal da Câmara, e a estudantes, mas estes só em períodos de férias.

Nos quatro dias referidos continuou-se a tirar a terra que cobria o lajeado dos dois arruamentos.

Na rua do bairro a camada de terra tinha 15 a 17 cm de altura, com muito raizame de carvalho em rede ou teia quase contínua.

Ao escavar a terra na rua principal (chamemos-lhe assim para elemento de referência) apareceu quantidade de ladrilhos, talvez mais propriamente pedaços da lâmina das tégulas, e porções dos rebordos das tégulas, tudo muito esparticado. Não os contei um a um; computo-os em mais de 500 pedaços e todos de pequenas dimensões.

Mas foi na rua do bairro (chamemos-lhe assim para elemento de referência) que apareceram mais alguns pedaços de vasos de barro, e entre eles o fundo de um pucarinho de barro (Fig. 23) de pasta negra finamente micácea com a base do fundo bem rodada, perfeitamente circular. O que resta da pança do púcaro forma ao fundo aba irregular que vai de 3 cm a 4,3 cm.

Um pequeno pedaço da porção média de uma asa robusta, negra, com 4,0 cm de comprimento por 3,8 cm de largura tem num dos topos e espessura de 11 mm.

Pequena porção de fundo de um vaso de pasta castanho amarelada com comprimento de 5,3 cm, altura de 3,2 cm e espessura no início da pança de 7 mm.

Um grande pedaço do colo de um vaso que devia ser grande e talvez alto, dada a pequena curvatura do que resta da pança. É de barro negro, tem delgados indutos acastanhados, interno e externo. Mede de comprimento 6,4 cm, de largura 5,1 cm e de espessura 5 mm.

Grande porção escura, quase negra da pança de um vaso que devia ser um tanto grande, dada a pequena curvatura do fragmento, de pasta finamente micácea; ao sol rebrilham palhetas minúsculas de moscovite. Maior comprimento 8,2 cm, por 5,7 cm de largura e 8 mm de espessura.

Pequeno pedaço rectangular de cerâmica branca, finamente micácea com 4,9 cm de comprimento com largura máxima num dos topos de 3,0 cm, e espessura de 5 mm.

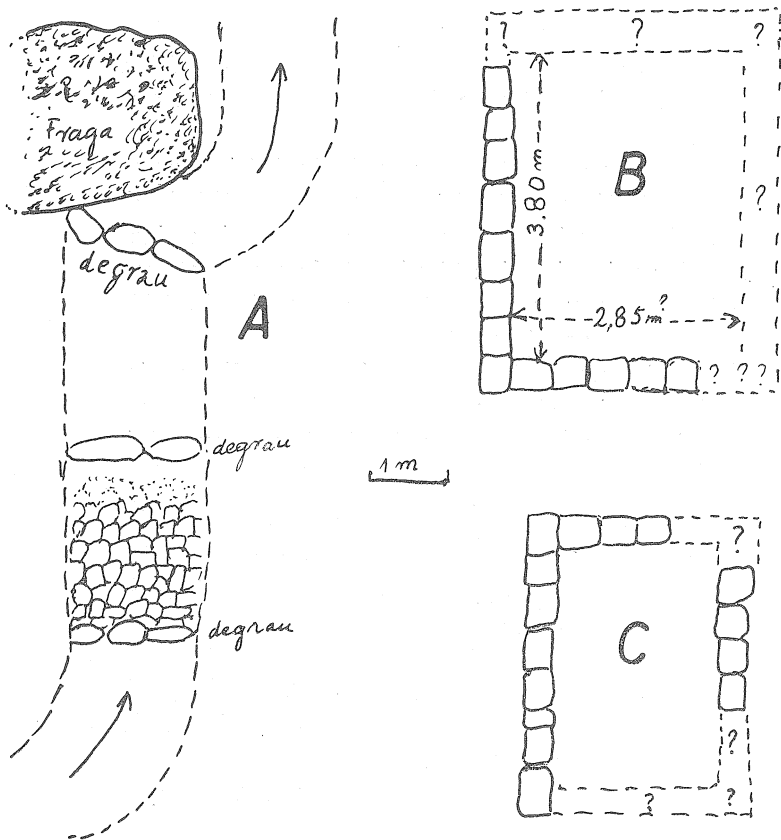


Fig. 17 — A arruamento com três degraus, B resto de casa na faixa a N. do pinheiro manso, C resto de casa a sul do pinheiro manso.

Alguns fragmentos são tão pequenos sem quaisquer características que não vale a pena referenciá-los.

Alguns pedaços de rebordos das tégulas têm na lâmina ao comprido do rebordo, um, dois ou três gotearas feitas a dedo



na pasta terra, que talvez possam interpretar-se como marcas dos oleiros.

Até em frente das três primeiras casas a terra cobria a superfície sensivelmente horizontal de uma laje de granito.

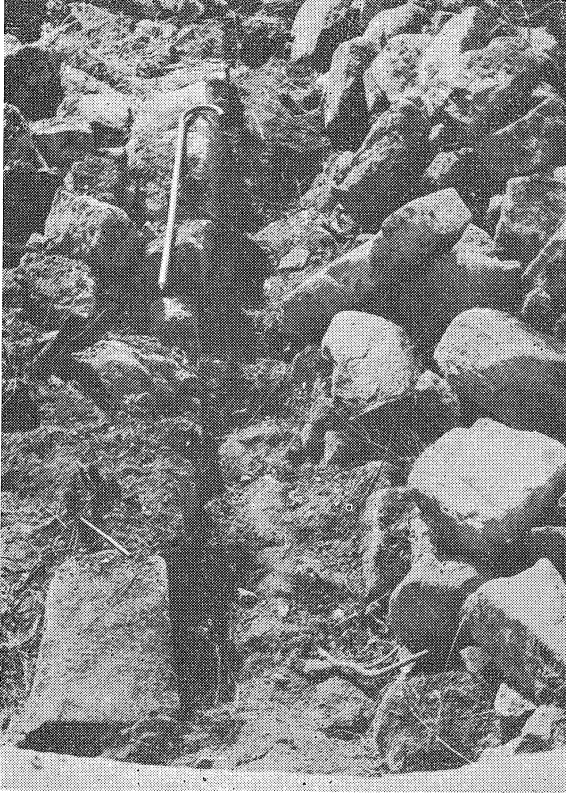


Fig. 18 — Resto de parede de casa (?) do lado norte do pinheiro manso.

Ali termina o lajeado. A seguir o arruamento faz pequena curva e, a uns 7 a 8 m, esbarra num penedo, torce sobre a direita e segue para baixo a facear 4 casas alinhadas no sentido leste-oeste (Fig. 17-A).

Naquele troço de 7 a 8 m depois de acabar o lajeado há três pequenos degraus separados entre si de 2,50 m (Fig. 17-A).

Só a seguir ao primeiro degrau, feito de 3 pedras postas topo a topo ao través do arruamento, é que havia calceta a pedras de granito.

O segundo degrau é formado por 2 pedras assentes topo a topo, e o terceiro por 3 pedras postas em diagonal no início da curva.

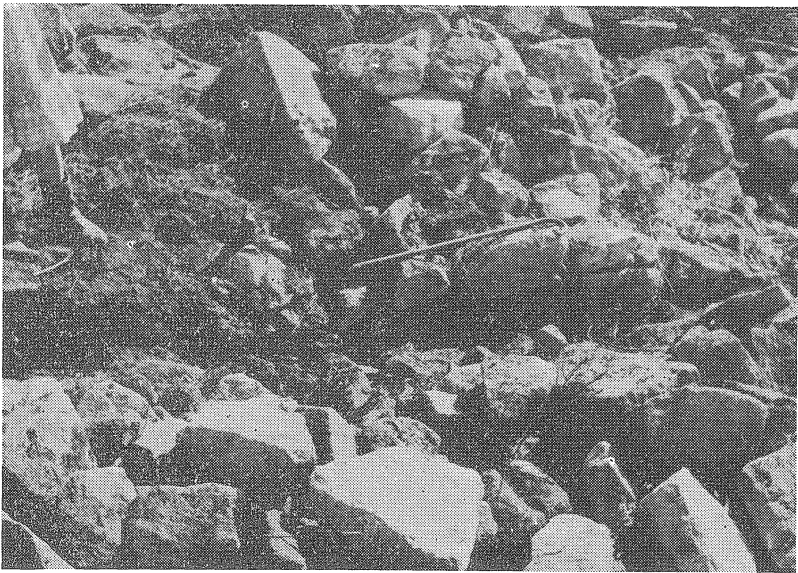


Fig. 19 — Outros aspectos da mesma parade da Fig. anterior.

Também se fez o corte do mato ao correr da face externa da muralha do lado norte em 10 a 12 m de largura a contar da muralha e no comprimento de 58 m entre as portas do leste e a do norte.

Mais uma casa rectangular foi detectada na faixa sul do recinto muralhado a uma escassa vintena de metros do pinheiro manso como mostra a fotografia da Fig. 18 e 19, em que se vê parte das bases das suas paredes (Fig. 17-C).

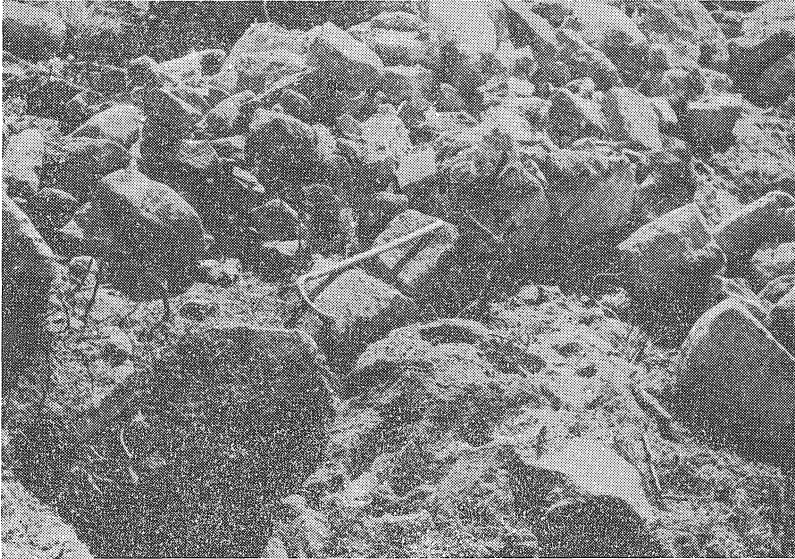


Fig. 20 — Resto da parede duma casa, a poente do pinheiro manso.

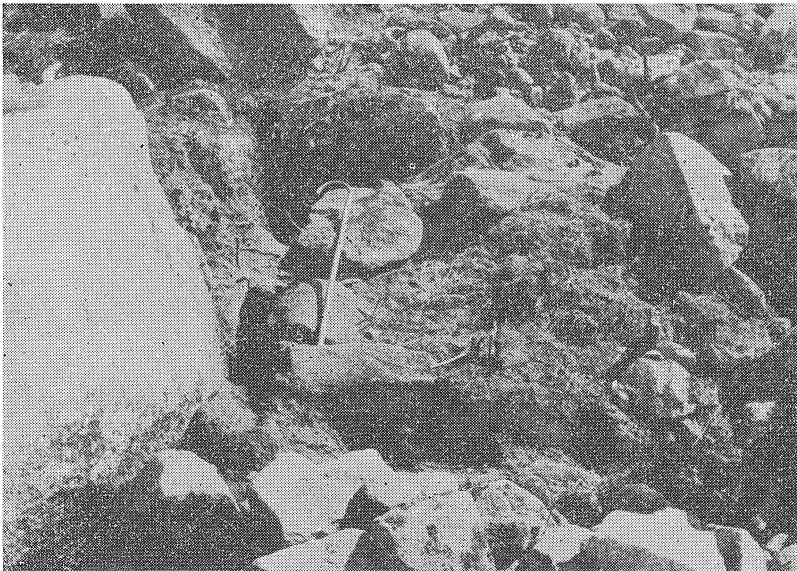


Fig. 21 — Outro resto de parede do lado N. da casa da Fig. anterior.



Fig. 22 — Ruína da casa quadrada na entrada da porta aberta a nascente.

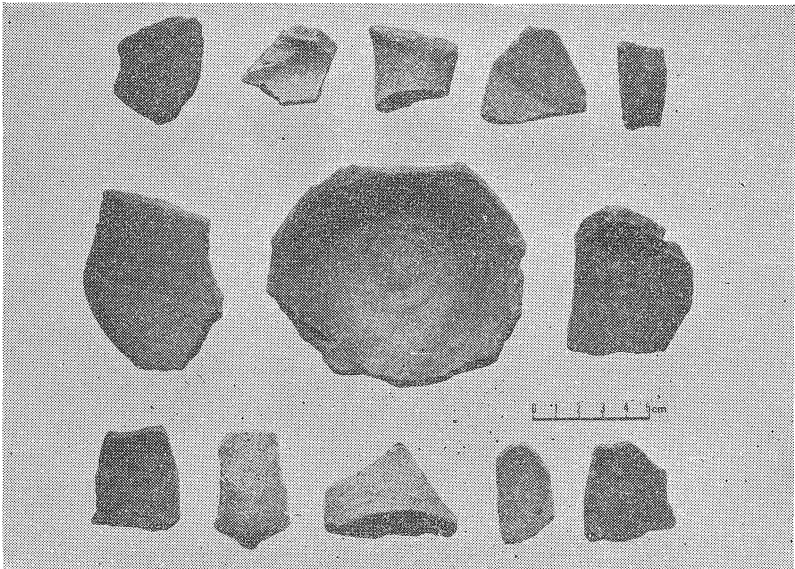


Fig. 23 — Cerâmica encontrada ao limpar os arruamentos que se seguem à entrada da porta do nascente.

Ainda se encontraram outros pequenos alinhamentos de pedras talhadas, que, quando for possível remover as muitas pedras que ali se amontoam, permitirá averiguar o delineamento das paredes e o tamanho e forma das casas (Figs. 18 e 19).

Da casa quadrada no enfiamento da porta do nascente só se pôs a descoberto a parede do lado sul a facear o arruamento principal e a parede do lado poente, porção entre os dois homens da Fig. 22.

Ainda se pôs a descoberto um pouco das 2 paredes da casa agora descoberta e que fica a 12 m a norte do pinheiro manso.

A parede da casa quadrada tem do lado poente 3,80 m de comprimento por 50 cm de largura e a do lado sul, que forma cunhal com a anterior, foi isolada num comprimento de 2,82 m e tem 55 cm de largura (Fig. 22).

Não houve ensejo de procurar isolar as paredes dos lados norte e do nascente, grandemente derruidas.

Como remate julga-se conveniente assinalar a descoberta do lajeado dos dois arruamentos à entrada da porta do leste e os três pequenos degraus de parte do arruamento do bairro, com calceta de pedras de granito entre o primeiro e o segundo degrau.

As duas casas descobertas a um lado e outro do pinheiro manso no alinhamento N. S., pouco mais foram do que apontadas. Pelo que ali agora se viu, afigurasse-nos serem rectangulares e isoladas.

Com estas duas, o número de casas até agora assinaladas no Castro da Curalha sobe a 24, das quais apenas 6 estão isoladas, e 18 em grupos, com as casas de cada grupo pegadas e de paredes meeiras.

É de crer que na faixa do recinto intramuralha a sul do pinheiro manso, quando se removerem as muitas toneladas de pedras soltas espalhadas por todo o terreno, se descobrirão mais casas.